



**LUCIANA COELHO VILELA**

**A PERSONAGEM UÝRA SODOMA, DE EMERSON MUNDURUKU, COMO  
PROPOSTA PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA**

**LAVRAS-MG  
2023**

**LUCIANA COELHO VILELA**

**A personagem Uýra Sodoma, de Emerson Munduruku, como proposta para uma  
educação ambiental crítica**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à  
Universidade Federal de Lavras, como parte das  
exigências do Curso de Ciências Biológicas, para  
a obtenção do título de Licenciada.

Prof. Dr. Antônio Fernandes Nascimento Junior  
Orientador

**LAVRAS-MG  
2023**

**LUCIANA COELHO VILELA**

**A personagem Uyra Sodoma, de Emerson Munduruku, como proposta para uma  
educação ambiental crítica**

**The character Uyra Sodoma, by Emerson Munduruku, as a proposal for a critical  
environmental education.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à  
Universidade Federal de Lavras, como parte das  
exigências do Curso de Ciências Biológicas, para  
a obtenção do título de Licenciada.

APROVADA em 06 de dezembro de 2023.

Prof. Dr. Antônio Fernandes Nascimento Junior DBI/ICN - UFLA

Profa. Dra. Camila Oliveira Lourenço. Faculdade de Ciências, Departamento de Educação –  
UNESP (Bauru).

Profa. Dra. Laise Vieira Gonçalves DCHNA – UNESP (Botucatu).

Prof. Dr. Antônio Fernandes Nascimento Junior  
Orientador

**LAVRAS-MG  
2023**

*Dedico este trabalho a todos os meus familiares e amigos que, ao longo de toda a minha vida, foram fonte inesgotável de apoio e crença no meu potencial. São vocês que dão sentido a cada passo que dou, e agradeço por estarem sempre ao meu lado, fortalecendo-me nas adversidades e compartilhando as alegrias.*

*Em especial, dedico este trabalho à minha querida amiga Fernanda Albuquerque, cuja partida abrupta em 01/01/2023 tornou este ano e o resto da minha existência mais desafiadores. Suas lembranças e ensinamentos continuam a iluminar meu caminho, e sua presença, mesmo ausente fisicamente, permanece viva em minha memória. Agradeço por cada momento compartilhado e por tudo que aprendi ao seu lado. Você será eternamente lembrada.*

*Ao meu avô, Renê Antônio Coelho, dedico este trabalho com profundo carinho. Sua inspiração constante e o desejo sincero de me ver alcançar meus objetivos na área da Biologia foram combustíveis para minha jornada acadêmica. Mesmo após sua partida, sinto sua presença em cada conquista, e é com gratidão que dedico este TCC a você, meu eterno guia.*

*A todos que acreditaram em mim, mesmo nos momentos de dúvida, e contribuíram para o meu crescimento pessoal e acadêmico, expresso meu mais sincero agradecimento. Que este trabalho seja uma modesta homenagem a cada um de vocês, que são peças fundamentais na construção da minha trajetória.*

*Com gratidão e amor,  
Dedico.*

## AGRADECIMENTOS

Queridos colegas, professores e amigos,

Hoje, ao concluir esta jornada acadêmica na Universidade Federal de Lavras (UFLA), é com imensa gratidão e emoção que expresso meus mais sinceros agradecimentos a todos que contribuíram para minha formação em Ciências Biológicas.

Em primeiro lugar, gostaria de estender minha profunda gratidão à própria Universidade Federal de Lavras por proporcionar um ambiente acadêmico rico em oportunidades. Durante minha trajetória, tive o privilégio de conviver com diferentes realidades e perspectivas acerca dos inúmeros temas que hoje me interessam profundamente. A diversidade de experiências enriqueceu meu aprendizado e moldou minha visão de mundo, preparando-me para os desafios que estão por vir.

Àqueles que foram fundamentais em minha jornada, meu orientador Antônio Fernandes Nascimento Junior, também quero expressar este sentimento. Além de guiar-me academicamente, você foi um mestre não só nesta minha formação, mas também na pessoal. Suas lições não se limitaram à filosofia da ciência e das metodologias; você compartilhou conhecimentos que embasam meus pensamentos e atitudes hoje, tanto na vida pessoal quanto na profissional. Sua atenção, carinho e flexibilidade diante das minhas limitações e desafios na elaboração do TCC foram cruciais, e por isso, agradeço de coração.

Às professoras Alessandra Bueno e Marina Battistetti Festozo, com quem tive a oportunidade de trabalhar durante minha graduação, meu agradecimento especial. Vocês não apenas inspiraram-me como grandes profissionais, mas também como mulheres admiráveis que desempenham papéis significativos em suas áreas.

Agradeço também às queridas Laise e Camila, que aceitaram o convite para participarem da minha banca de defesa. Sua presença é um testemunho de profissionalismo e admiração, e estou grato por compartilharem seu tempo e conhecimento neste momento importante da minha jornada acadêmica.

A todos que de alguma forma contribuíram para meu crescimento e aprendizado ao longo desses anos, meu muito obrigado. Que este seja apenas o início de uma jornada repleta de realizações e contribuições para a ciência e para a sociedade.

Com gratidão,

Luciana Coelho Vilela.

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo refletir sobre a personagem Uýra Sodoma, criada por Emerson Munduruku, como uma inspiração para práticas pedagógicas de Educação Ambiental Crítica. Esta monografia se utilizará do método qualitativo para realizar a atividade de análise proposta, estudando aspectos objetivos de eventos sociais e do comportamento humano, e tendo como objeto de estudo fenômenos que ocorrem em determinado tempo, local e cultura. Diante das crescentes preocupações com a degradação ambiental, a pesquisa destaca a relevância da abordagem crítica, evidenciando eventos recentes como queimadas e rompimentos de barragens. Destaca-se a capacidade desta perspectiva no âmbito da educação ambiental de provocar sentimentos de pertencimento e vontade de preservação, utilizando-se o trabalho de Emerson Munduruku, descendente de indígenas, pessoa LGBTQIAPN+, biólogo, mestre em ecologia e arte-educador na Fundação Amazônia Sustentável, além de renomado representante da arte contemporânea indígena como fonte rica para práticas interdisciplinares. Ao examinar as diversas expressões artísticas de Uýra, o estudo propõe métodos alternativos, como encenações teatrais e composições fotográficas, estimulando o pensamento crítico e a conexão com o meio ambiente. As considerações finais enfatizam a necessidade de uma abordagem coletiva na educação ambiental crítica, utilizando a arte de Emerson Munduruku como inspiração para enfrentar desafios contemporâneos. O trabalho sugere explorar outros artistas indígenas pertencentes a este movimento, e conclui a importância do esforço coletivo dos profissionais da educação para uma formação crítica e empática, que promova ações transformadoras da realidade ambiental.

**Palavras-chave:** Arte; Educação; Biologia; Educação ambiental; Práticas lúdicas artísticas; Cultura indígena; Arte contemporânea indígena; Diversidade.

## ABSTRACT

The present thesis aims to reflect on the character Uýra Sodoma, created by Emerson Munduruku, as an inspiration for Critical Environmental Education pedagogical practices. This monograph will employ the qualitative method to carry out the proposed analysis, studying objective aspects of social events and human behavior, focusing on phenomena occurring in specific time, location, and culture. Amid growing concerns about environmental degradation, the research highlights the relevance of the critical approach, emphasizing recent events such as wildfires and dam collapses. It underscores the capability of this perspective in the realm of environmental education to evoke feelings of belonging and a desire for preservation, utilizing the work of Emerson Munduruku, a descendant of Indigenous people, LGBTQIAPN+ individual, biologist, master's degree holder in ecology, and art educator at the Amazon Sustainable Foundation, renowned for his representation of contemporary Indigenous art as a rich source for interdisciplinary practices. In examining Uýra's various artistic expressions, the study proposes alternative methods, such as theatrical performances and photographic compositions, stimulating critical thinking and connection with the environment. The concluding remarks emphasize the need for a collective approach in critical environmental education, using Emerson Munduruku's art as inspiration to address contemporary challenges. The study suggests exploring other Indigenous artists within this movement and concludes by highlighting the importance of the collective efforts of education professionals for a critical and empathetic formation that fosters transformative actions in environmental reality.

**Keywords:** Art; Education; Biology; Environmental education; Artistic playful practices; Indigenous culture; Indigenous contemporary art; Diversity.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Emerson Munduruku: indígena, biólogo, educador e artista.	15
Figura 2. Uyra Sodoma, Drag Queen Amazônica e personagem criado por Emerson Munduruku através da utilização de elementos naturais em sua composição.	16
Figura 3. Emerson Munduruku na 34ª Bienal de São Paulo, sobre sua obra, “Instalação Malhadeira”.	17
Figura 4. Emerson Munduruku na 4ª Bienal de São Paulo.	17
Figura 5. Ensaio Fogo, Série Elementar.	18
Figura 6. Ensaio Fogo, Série Elementar.	19
Figura 7. Ensaio Caos 2, Série Mil Quase Mortos.	19
Figura 8. Série Mil Quase Mortos. Boiúna.	20
Figura 9. Série Mil Quase Mortos. Boiúna.	20
Figura 10. Série Retomada.	21
Figura 11. Série Retomada.	21
Figura 12. Série Retomada.	22
Figura 13. Série Retomada.	22
Figura 14. Uyra posa ao lado de crianças em atividade artística a partir de pinturas e construções com elementos naturais.	24
Figura 15. Performance “Ponto Final, Ponto Seguido” no SESC Vila Mariana, SP, 2022.	25
Figura 16. Performance “Ponto Final, Ponto Seguido” no SESC Vila Mariana, SP, 2022.	26
Figura 17. Performance “Ponto Final, Ponto Seguido” no SESC Vila Mariana, SP, 2022.	27

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	<b>9</b>
<b>2. Referencial teórico</b>	<b>10</b>
<b>3. Objetivo</b>	<b>12</b>
<b>4. Metodologia</b>	<b>13</b>
<b>5. Discussão</b>	<b>14</b>
<b>7. Considerações finais</b>	<b>32</b>
<b>8. REFERÊNCIAS</b>	<b>34</b>

## 1. Introdução

A escolha pela graduação em biologia vem diretamente da minha vontade de compreender melhor o desenho dessa linha invisível que segura tudo. A natureza em suas perfeitas e complementares interações, mantendo a vida funcionando. O meu amor por essa entidade, em todos os seus ecossistemas, me inspirou o desejo por conhecer seus pormenores, o que foi atendido perfeitamente ao estudar ciências biológicas na universidade. A modalidade Licenciatura ainda nos permite conectar estes conhecimentos, intimamente, com a carga humana e social que a intercepta, tornando este caminho ainda mais interessante e prazeroso.

A admiração pela natureza e a consciência da necessidade de cuidar dela me impulsionou a refletir sobre formas de participar ativamente de projetos com este objetivo, que encontram na UFLA um cenário propício para se desenvolverem, já que a instituição possui um perfil que preza pela sustentabilidade, lhe rendendo o título de segunda universidade mais sustentável do Brasil, de acordo com o ranking Green Metric, que avalia ações sustentáveis desenvolvidas por instituições de ensino no mundo.

Neste sentido, além de buscar uma formação engajada e preocupada com o meio ambiente à partir de disciplinas com este caráter, busquei convergir os temas das minhas regências e intervenções durante os quatro estágios obrigatórios para este contexto, bem como comecei a integrar o programa de Residência Pedagógica em Biologia. Este último consiste em um projeto envolvendo Licenciandos do curso de Ciências Biológicas, professores da escola básica e docentes da UFLA, no qual a abordagem central é a Educação Ambiental Crítica. Uma maior imersão na escola é promovida, além da elaboração de trabalhos, práticas, intervenções, eventos e outras propostas pedagógicas que fomentam a formação cidadã, crítica e reflexiva de professores.

O diálogo entre conhecimentos científicos e a arte é encorajado constantemente durante as atividades do programa de Residência Pedagógica, não só complementando, mas reforçando a afinidade natural e antiga que já possuo com este elemento. Manifestações artísticas sempre atraíram minha atenção, em quaisquer que sejam os contextos, mas, de modo especial, me inspira a possibilidade de utilizá-las como poderosas aliadas na missão de estimular a consciência ambiental e o pensamento de conservação por meio da prática docente, visto que acredito na Educação como a ferramenta mais eficiente e de grande alcance para contribuir para esta missão.

Neste momento de construção de um trabalho final que sintetiza de alguma forma a essência da minha trajetória na graduação, me encontro extremamente envolvida com o trabalho do artista Emerson Munduruku, descendente de indígenas, nascido na Amazônia brasileira,

biólogo, educador e ativista dos direitos indígenas e LGBTQIAPN+. Sua personagem que recebe o nome de Uýra é definida por ele como “árvore que anda”, se apresentando como uma entidade protetora da natureza, e provocando exatamente a sensação de observar uma árvore caminhando nos espectadores que se deparam com suas performances, protestando nas ruas de Manaus. A figura remete a elementos do folclore Brasileiro e remonta à narrativa do terror da chegada dos portugueses no Brasil, e suas consequências que se enroscam profundamente nas raízes da sociedade atual. Uýra denuncia, através de sua obra ornamentada com artigos naturais retirados da floresta, as tragédias e injustiças da cultura colonial que ainda assola o país.

Em um Brasil onde os povos nativos têm sofrido privação de direitos, genocídio e sendo praticamente expulsos da terra onde foram os primeiros a chegar, espaços ocupados por essas pessoas se tornam cada vez mais essenciais. Uýra subiu ao palco da 34ª Bienal de São Paulo com sua série “Retomada”, que retrata de forma magnífica e triste a natureza recobrando seus locais de origem, hoje tomados por cenários urbanos recheados de edifícios com arquitetura de padrões europeus. É na apresentação e análise destes elementos componentes da figura de Uýra que enxergo um material ideal para fomentar práticas pedagógicas embebidas em educação ambiental crítica em todos os seus mínimos detalhes, que são muitos, e compõem um todo completamente eficiente em fazer impressionar, sentir, pensar, refletir e inspirar agir, o que torna o trabalho de Emerson um instrumento poderoso para amparar questões importantes tratadas em sala de aula.

## **2. Referencial Teórico**

A educação ambiental é um processo educativo essencial em um mundo em constante mudança, e sua abordagem pode variar significativamente. De acordo com Torres (2018), uma perspectiva que tem se destacado é a do pensamento crítico social ao se tratar de educação ambiental, indo além da simples transmissão de informações e buscando promover uma compreensão profunda das questões ambientais, inspirando ações transformadoras. Nesse contexto, práticas lúdicas e associadas à arte têm emergido como ferramentas poderosas para criar práticas pedagógicas mais eficazes e impactantes.

A educação ambiental, neste modelo, se baseia em uma abordagem reflexiva e questionadora das questões ambientais. Neste contexto, Aikenhead (2006) defende a ideia de que este processo deve adotar uma abordagem crítica e questionadora, buscando conscientizar os alunos e promovendo a transformação da realidade. O principal propósito deste processo educativo é desenvolver nas pessoas a habilidade de analisar de maneira crítica os desafios

ambientais, compreender suas origens sociais e políticas, e agir de maneira responsável. De forma semelhante, Loureiro (2004) entende a educação ambiental crítica como o meio educativo pelo qual se podem compreender de modo articulado as dimensões ambientais e sociais, problematizar a realidade, buscando raízes da crise civilizatória.

A arte desempenha um papel fundamental no trabalho desta perspectiva em questão. Autores como Gruenewald (2003) destacam que a arte é uma forma de expressão que pode ajudar as pessoas a se reconectarem com a natureza e a compreenderem a complexidade das questões ambientais. Orr (2004) afirma que, através da música, da pintura, da dança e da literatura, os alunos podem explorar questões ambientais de forma criativa e emotiva, o que pode ser mais envolvente do que a abordagem tradicional de sala de aula.

As práticas lúdicas e artísticas também têm o potencial de despertar o sentimento de pertencimento e identidade em relação ao meio ambiente. Louvamos a importância desse aspecto com base nas palavras de Orr (1994), que afirmam que no ensino da ética ambiental, precisamos primeiro ensinar o amor à terra, a compreensão do lugar e a sensação de pertencimento. Quando os alunos se envolvem em atividades criativas relacionadas à natureza e à comunidade, eles podem desenvolver um profundo senso de conexão e cuidado com o ambiente ao seu redor.

A conscientização de preservação do meio ambiente é uma consequência natural de uma educação ambiental crítica associada à arte. Ao compreender as complexidades das questões ambientais e ao se conectar emocionalmente com a natureza, os alunos são mais propensos a agir de forma responsável em relação ao meio ambiente. Como destacado por Leopold (1949), nós, seres humanos, apenas preservamos o que amamos, amamos apenas o que entendemos e entendemos apenas o que nos foi ensinado.

Neste sentido, a abordagem crítica da educação ambiental, aliada às práticas lúdicas e artísticas, pode desempenhar um papel fundamental na formação de cidadãos conscientes e responsáveis em relação ao meio ambiente. Ao despertar o sentimento de pertencimento e identidade e promover a reflexão crítica, podemos ajudar os alunos a compreender e apreciar melhor nosso planeta e a agir em prol de sua preservação. Neste contexto, Orr (2004) afirma que a educação ambiental crítica não é uma opção, mas uma necessidade moral e intelectual.

Segundo a perspectiva de Torres (2018), a arte contemporânea indígena brasileira representa uma expressão rica e multifacetada das culturas ancestrais que habitam nosso país há milênios. Essa forma de arte não apenas é uma manifestação da identidade destes povos originários, mas também carrega consigo uma profunda conexão com o meio ambiente e questões ambientais cruciais. Incorporar obras e artistas indígenas contemporâneos nas práticas

de sala de aula pode enriquecer a educação ambiental e dar voz a povos originários historicamente silenciados.

A arte contemporânea indígena é uma forma de expressão que evoluiu para abordar questões atuais, mantendo raízes profundas nas tradições culturais. Segundo Aparecida Vilaça (2005), a arte indígena contemporânea tem o poder de transcender estereótipos e transmitir mensagens sobre identidade, resistência e relações com o ambiente, e frequentemente incorporam elementos da natureza, criando um diálogo intrínseco com a educação ambiental crítica.

A educação ambiental tradicionalmente se concentra em promover a conscientização sobre questões ecológicas e na busca de soluções práticas. No entanto, ao incorporar a arte indígena contemporânea, podemos adicionar uma dimensão mais profunda e cultural a essa disciplina. De acordo com Torres (2018), a arte indígena contemporânea oferece uma oportunidade de conectar a educação ambiental crítica a perspectivas indígenas sobre a natureza e sua relação com ela.

Como destacado por Vilaça (2005), A história do Brasil é marcada por um triste legado de colonização e opressão que afetou profundamente os povos indígenas. Incorporar a arte indígena contemporânea na educação ambiental crítica é uma forma de dar voz a esses povos e reconhecer a importância de suas perspectivas na formação de uma sociedade consciente do meio ambiente. Segundo Aikenhead (2006), a educação deve reconhecer e respeitar os sistemas de conhecimento indígena, permitindo que as vozes dos povos originários sejam ouvidas e valorizadas.

A arte contemporânea produzida por nossos povos originários não é apenas uma forma de expressão artística, mas também uma janela para as culturas e perspectivas dos primeiros a ocuparem este território. Incorporar essa forma de arte nas práticas de educação ambiental crítica é uma oportunidade de enriquecer o diálogo sobre questões ambientais, valorizar as vozes silenciadas e promover uma compreensão mais profunda da relação entre os seres humanos e o meio ambiente. Como destaca Cajete (1994), a educação ambiental deve se dar de modo inclusivo, reconhecendo a riqueza das perspectivas indígenas e honrando a interconexão entre as pessoas e a Terra.

### **3. Objetivo**

O objetivo deste trabalho é discutir a personagem Uýra Sodoma, criada pelo artista indígena contemporâneo Emerson Munduruku, como uma proposta para inspirar práticas pedagógicas no âmbito da Educação Ambiental Crítica.

#### 4. Metodologia

Este trabalho utilizou-se da metodologia de pesquisa qualitativa para seu desenvolvimento, analisando fenômenos humanos e sociais que não podem ser quantificados. Segundo Minayo (1998), esses fenômenos representam um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a uma camada mais profunda das relações e processos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. A pesquisa qualitativa tem como objetivo compreender e interpretar o conteúdo dos fenômenos estudados, ao invés de simplesmente descrevê-los, no contexto da produção de conhecimento sobre os fenômenos humanos e sociais. É importante destacar que existe diferença entre a abordagem quantitativa e a qualitativa na pesquisa: a primeira enfatiza dados concretos e visíveis, enquanto a segunda se aprofunda naquilo que não é aparente, explorando o "mundo dos significados, das ações e das relações humanas.

Foi escolhida esta metodologia em razão da intenção de elaborar um trabalho de conclusão de curso que tivesse como objetivos primordiais a reflexão sobre os ataques e a negligência, de origem histórica, aos quais as populações indígenas são submetidas ainda hoje. Além disso, outro objetivo foi o de pensar sobre práticas de educação ambiental crítica neste sentido, utilizando-se do recurso da arte para isso e dando visibilidade à arte indígena contemporânea, que muitas vezes ocupa cantos isolados em galerias e não recebem a devida atenção, assim como os problemas que estes povos originários enfrentam diariamente.

Ao conhecer e frequentar performances e exposições que pertencem a obra de Emerson Munduruku, houve uma profunda provocação pela ideia de trazê-la para a sala de aula, inspirando algumas boas reflexões sobre seu material artístico e processo criativo, além de empolgação com todo seu repertório crítico acerca de uma realidade problemática e as possibilidades que ele oferece para práticas pedagógicas de educação ambiental crítica. Neste sentido, supõe-se que este material apresenta potencialidades de contribuição para a formação cidadã dos alunos e ter como resultados ações transformadoras para a sociedade. “O papel da arte é poder comunicar e catalisar mensagens que o meio ambiente e todos estes espíritos nos informam e nos passam, para outras pessoas. A Uýra é uma mensageira do igarapé, e desta violência”. (Emerson Munduruku, 2020).

No contexto da pesquisa educacional, a metodologia qualitativa desempenha um papel fundamental. Segundo Bogdan, R., & Biklen, S. K. (1994), a pesquisa qualitativa na área da educação permite uma exploração profunda das experiências e contextos educacionais, possibilitando a compreensão dos aspectos subjetivos e das complexidades inerentes aos processos de ensino e aprendizagem. Essa abordagem metodológica é especialmente relevante

para capturar a riqueza das experiências dos envolvidos na educação, incluindo professores, alunos e demais atores do ambiente escolar. Portanto, a pesquisa qualitativa na área da educação mantém um compromisso com o rigor metodológico, ao mesmo tempo em que busca a compreensão aprofundada e contextualizada dos fenômenos educacionais.

## 5. Discussão

Como destaca Torres (2018), a arte indígena contemporânea no Brasil é uma expressão artística que se desenvolveu a partir do movimento de valorização da cultura indígena e da busca por uma afirmação identitária dos povos originários do país. Essa expressão artística inclui desde obras de arte tradicionais, como a cerâmica e a tecelagem, até trabalhos em novas mídias, como fotografia, vídeo e instalações.

A partir dos anos 80, os artistas indígenas começaram a se organizar em coletivos e associações para a produção e divulgação de sua arte. Nesse contexto, surgiram importantes iniciativas, como o Projeto Pataxó, criado em 1986, que buscou resgatar e valorizar a cultura desse povo através da produção de artesanato e de outras atividades culturais. Outro exemplo de iniciativa importante é o Centro de Trabalho Indigenista (CTI), organização não-governamental que desde 1979 atua junto aos povos indígenas, estimulando a produção artística e a valorização de suas culturas.

Atualmente, a arte indígena contemporânea no Brasil é reconhecida e valorizada não apenas pelos povos indígenas, mas também por instituições culturais e pelo mercado de arte. As obras dos artistas indígenas são expostas em museus e galerias de arte no Brasil e no exterior, e têm sido objeto de estudo e pesquisa por parte de antropólogos, sociólogos e críticos de arte.

Emerson Munduruku (Figura 1) é um biólogo e drag queen brasileiro, mais conhecido por seu alter-ego Uýra Sodoma. Nascido em 1991 em Santarém, no estado do Pará, ele cresceu em uma família de indígenas mundurukus, onde teve seus primeiros contatos com a natureza e com a cultura ancestral de seu povo. Como relata Peixoto (2013), os Munduruku formam um grupo étnico com uma longa história na região do Alto Tapajós, principalmente na Terra Indígena que leva o mesmo nome. Suas principais comunidades estão localizadas ao longo do rio Cururu, um afluente do Tapajós, em uma área conhecida como Mundurukânia, conforme descrito em sua narrativa mitológica. Essa região está situada no estado do Pará, e suas comunidades têm desempenhado um papel ativo em debates relacionados à construção de barragens na bacia do rio Tapajós, expressando preocupações sobre os possíveis impactos negativos em suas formas de subsistência e no ambiente ao redor. Como resposta, eles têm defendido de maneira robusta seus direitos territoriais e promovido práticas sustentáveis na

região, questões que permeiam intimamente a obra de Emerson. Após se formar em biologia, Emerson, mestre em ecologia pelo INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), começou a trabalhar em projetos de pesquisa e conservação ambiental na região amazônica, atuando também como arte-educador na Fundação Amazônia Sustentável, juntamente com comunidades ribeirinhas. No entanto, durante o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff em 2016, ele decidiu expandir sua atuação para além da academia e buscar formas de levar o debate sobre a conservação ambiental e os direitos LGBTQIAPN+ para as comunidades locais. “Pensando em expor o belo e o feio, eu venho desenvolvendo como Uýra Sodoma a possibilidade de trazer à tona a natureza. Meu trabalho é questionar o que é natural. Tanto o que é natural de fato, quanto o que tem sido naturalizado e que tem nos matado. A Uýra é uma forma de trazer conhecimento científico e democratizá-los para a sociedade. Os muros da academia ainda são altos, e a ideia é que ela destruísse estes muros, e pudesse tomar este lugar, mediando, como uma ponte os saberes científicos, e também os saberes tradicionais, os saberes da rua.” (Emerson Munduruku, 2020).

Figura 1. Emerson Munduruku: indígena, biólogo, educador e artista.



Fonte: Revista Trip (2018).

Foi assim que ele criou a persona de Uýra Sodoma (Figura 2), uma drag queen que se define como uma "árvore que anda" e que busca entrelaçar os conhecimentos científicos da biologia com as sabedorias ancestrais indígenas. Para se transformar em Uýra, Emerson leva cerca de duas horas para aplicar a maquiagem, que é feita com elementos naturais como ramagens, sementes, conchas, folhas e flores. Assim, a aparência da drag queen está sempre em constante mutação, assim como a natureza.

Com sua personalidade marcante e estilo único, Uýra se tornou uma figura importante na luta pelos direitos LGBTQIAPN+. De acordo com pontuações de Simão, M. P. (2023), faz-se essencial explorar em sala de aula as temáticas relacionadas a gênero e sexualidade, dada a constatação de que as diferenciações entre homens e mulheres frequentemente são construções sociais que estabelecem uma hierarquia de funções. Tanto a sexualidade quanto o gênero exercem influências significativas na experiência humana. A abordagem dessas questões no momento de ensino aprendizagem não apenas é fundamental, mas também proporciona uma sensação de representatividade e acolhimento para todos os alunos, uma vez que a escola, em grande medida, é o único ambiente propício para tais discussões.

O trabalho de Emerson também incorpora a luta diária dos povos originários pela preservação da Amazônia. Suas performances, aulas de arte e biologia, instalações e textos são uma forma de falar desde e com a floresta, invocando seres ancestrais ou futuristas em meio a denúncias sobre a ameaça do desmatamento, do fogo e da violência contra os povos indígenas.

Figura 2. Uyra Sodoma, Drag Queen Amazônica e personagem criado por Emerson Munduruku através da utilização de elementos naturais em sua composição.



Fonte: RDS Rio Negro. Ricardo Oliveira (2018).

Em 2021, Uýra participou da 34ª Bienal de São Paulo (Figuras 3 e 4) em duas séries de fotografias, "Elementar" (Figuras 5 e 6) e "Mil quase mortos" (Figuras 7, 8 e 9), que mostram a floresta ameaçada e o corpo em transformação. Além disso, ele apresentou a série "Retomada" (Figuras 10, 11, 12 e 13), com fotografias que mostram plantas retomando espaços urbanos abandonados, e a instalação "Malhadeira" (Figura 3), que faz uma crítica ao extrativismo e à violência contra os povos indígenas na região amazônica. "Comissionada pela 34ª Bienal de São Paulo, a obra Malhadeira consiste em um conjunto de fitas dispostas no chão e cobertas por uma rede de sementes de seringueira. Na malha urbana da cidade, minuciosamente recriada em fitas, destaca-se a Avenida Constantino Nery, que corta Manaus, abrange centenas de igarapés de quatro das suas oito bacias hidrográficas e foi construída sobre o genocídio indígena ao longo de sua extensão (a BR174 – Amazonas/Roraima). Constantino era o então governador que autorizou essas ações, nunca sendo responsabilizado, mas sendo homenageado. A instalação convida a observar as águas por cima de toda essa narrativa, assim como elas verdadeiramente se encontram, submergindo sempre que chove, mantendo viva a memória de alagamento. A obra reconfigura as percepções, realocando as águas e as memórias dos povos diante dos olhares das pessoas. Os elementos escolhidos representam uma parte da história de Manaus, entrelaçando seu primeiro ciclo econômico da borracha, que impulsionou seu desenvolvimento urbano e político, com os massacres indígenas e o aterramento de áreas alagadas - fragmentos de um período, mas não da história como um todo". (Emerson Munduruku, 2022). Com suas performances e trabalhos artísticos, Emerson Munduruku tem se destacado como uma importante voz na defesa da diversidade, da natureza e dos direitos humanos no Brasil e no mundo.

Figura 3. Emerson Munduruku na 34ª Bienal de São Paulo, sobre sua obra, “Instalação Malhadeira”.



Fonte: Amazônia Real (2021).

Figura 4. Emerson Munduruku na 4ª Bienal de São Paulo.



Fonte: Amazônia Real (2021).

Em suas aulas de arte e biologia, performances fotográficas, maquiagens, camuflagens, textos e instalações, Uýra fala desde a floresta e com ela, evocando os conhecimentos científicos da biologia e as sabedorias ancestrais indígenas. As imagens protagonizadas pela personagem

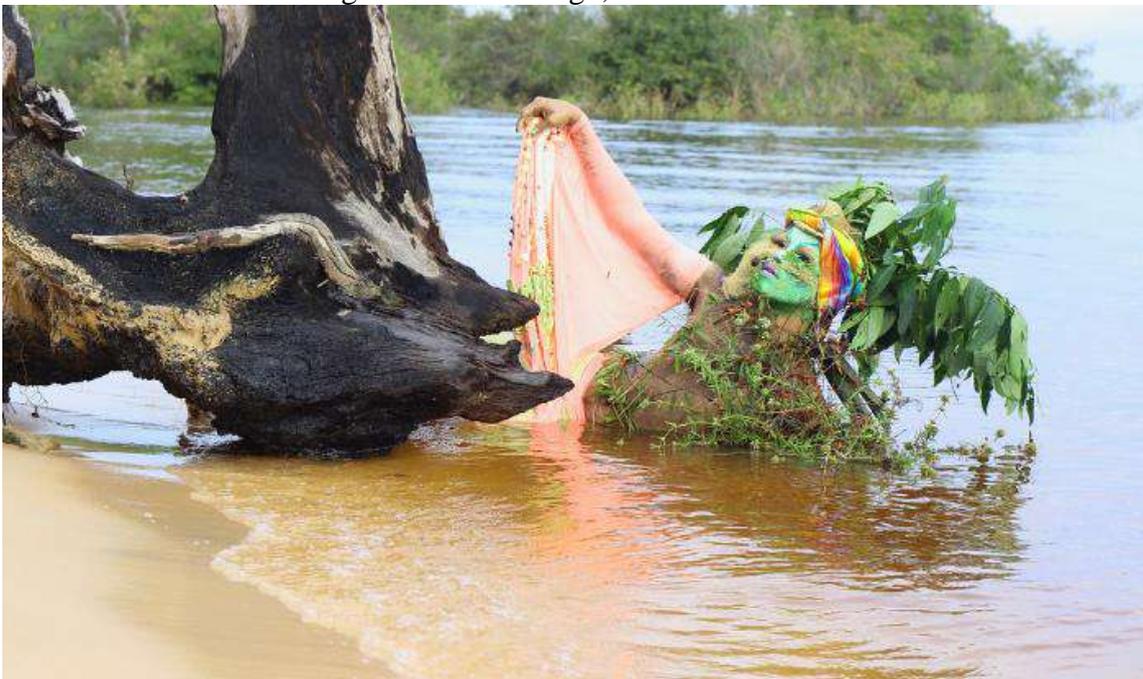
retratam a floresta ameaçada, o desmatamento, o fogo, a água submersa sobre o lixo que afoga os igarapés e a floresta que engole o corpo e o corpo que se transforma.

Figura 5. Ensaio Fogo, Série Elementar.



Fonte: Matheus Belém (2018).

Figura 6. Ensaio Fogo, Série Elementar.



Fonte: Katja Hoelldampf (2017).

Emerson Munduruku (2022) relata que, em 2018, o fotógrafo Matheus Belém auxiliou no ensaio "Caos", uma parte da Série Mil [quase] Mortos (Figuras 7, 8 e 9). Este ensaio explora a degradação ambiental, tanto simbólica quanto espiritual, ao longo do Igarapé do

Mindú, o maior da cidade. O Igarapé, cujo nome em Tupi significa "caminho de canoa", atravessa a cidade, refletindo suas verdades. O ensaio tem um paralelo chamado "Boiúna", ambos capturados em partes estratégicas do leito do Mindú, relembrando uma época em que a água era limpa e usada para diversas finalidades até os anos 1960. "Caos" foi realizado próximo à primeira estação de distribuição de água da cidade. Além de destacar a questão do lixo, o ensaio também convida a refletir sobre o ecossistema que persiste no caos, composto por diversas formas de vida, como plantas, pessoas e outros animais.

Figura 7. Ensaio Caos 2, Série Mil Quase Mortos.



Fonte: Matheus Belém (2018).

Figura 8. Série Mil Quase Mortos. Boiúna.



Fonte: Matheus Belém (2019).

Figura 9. Série Mil Quase Mortos. Boiúna.



Fonte: Matheus Belém (2019).

Já a série Retomada (2021) (Figuras 10, 11, 12 e 13), também para a Bienal de São Paulo, mostra Uýra em locais de Manaus que, seja por sua história e função social ou por suas características arquitetônicas, podem ser associados aos modos de viver herdados da cultura eurocêntrica. Mas o que a aparição de Uýra despertar são as plantas que, aos poucos, vão

retomando o espaço que já lhes pertenceu, em meio a cercas, muros, frestas e fendas. A obra nos faz refletir sobre as relações entre o extrativismo como modelo econômico e a violência contra os habitantes da terra, dos homens e mulheres aos córregos e rios. “É o momento de dar fruto, componente nº 9 da história indivisível de dez fotografias contada na série *Retomada*. Comissionada pela 34ª Bienal de São Paulo, a série conta o ciclo de vida das plantas que crescem sobre o cimento físico e do imaginário colonial das cidades. É resultado de uma pesquisa minha de cinco anos, em que cataloguei centenas de espécies de plantas pioneiras habitando os locais mais improváveis da cidade: crescendo nas frestas do asfalto, agarradas aos paredões de prédios, habitando o interior do concreto de casarões abandonados, cobrindo muros, grades e calçadas. Plantas que ancestralmente reterritorializam com vida, locais de abandono e violência da cidade. A Ecologia chama esse processo de sucessão ecológica, um conjunto ordenado e gradual de retorno da floresta e sua diversidade em uma paisagem antes destruída. Essas plantas, de maioria medicinal e alimentícia, têm um ciclo de vida intenso e rápido: germinam, e logo crescem, espalham-se e se reproduzem, gerando muita matéria orgânica e sombra – condições ideais para o crescimento de outras espécies e, logo, de uma nova floresta.” (Emerson Munduruku, 2022).

Figura 10. Série Retomada.



Fonte: Matheus Belém (2021).

Figura 11. Série Retomada.



Fonte: Matheus Belém (2021).

Figura 12. Série Retomada.



Fonte: Matheus Belém (2021).

Figura 13. Série Retomada.



Fonte: Matheus Belém (2021).

Além de suas performances artísticas, Uýra também levanta o debate sobre a conservação ambiental e os direitos LGBTQIAPN+ pelas ruas e transportes públicos de Manaus, de formas muito originais e peculiares. Seus ensinamentos podem ser acompanhados através do Instagram, onde possui mais de quarenta e sete mil seguidores. Uýra é uma entidade híbrida, que une diversos elementos interessantes como um super poder, e fala pela natureza e pelos direitos de todos.

De acordo com Meyer (2008), O cenário atual denuncia marcas profundas de eventos desastrosos para o meio ambiente, que se encontra cada vez mais refém da imprudência e ambição humana. Ações antrópicas negativas como a invasão de ecossistemas naturais têm protagonizado noticiários e preocupado ambientalistas no país.

Episódios como as queimadas no Pantanal em 2020 e da Amazônia em 2021, o rompimento de uma barragem em Mariana em 2015 e em Brumadinho em 2019, além da pandemia de Covid-19, evidenciam as consequências da destruição destes espaços e a urgência de se pensar em soluções que envolvam, imprescindivelmente, a mudança de mentalidade social e humana em relação à necessidade de conservação da natureza. Recentemente, também foi noticiada a preocupante circunstância vivida pelos moradores de Maceió e região, que vivem sob temor devido a recentes tremores, indicando um risco iminente de colapso na área, afetada

pela atividade de mineração da Braskem. Desde 2018, a população enfrenta um período de terror, com aumento anual de bairros impactados e cerca de 60 mil pessoas obrigadas a deixar suas casas. A extração de sal gema pela empresa tem causado, progressivamente, o afundamento do território, alertando a Defesa Civil para o desastre em evolução. (BRASIL DE FATO, 2023).

Meyer (2008) reflete que a educação ambiental crítica pode se apresentar como um recurso poderoso para atingir este objetivo, alcançando mentes em formação com a concepção de que o homem é uma peça do espaço natural, devendo zelar por este, já que os impactos de ações depredadoras são, comprovadamente, sofridos por todas as suas partes. “Os seres humanos atuam sobre a natureza transformando-a para além das determinações biológicas, das necessidades inatas de continuação da própria espécie, como a necessidade de abrigo, comida e reprodução. A atuação humana sobre a natureza se dá em termos de produção de uma nova realidade, o que não se observa em outras espécies.” (MORETI DE SOUZA ROSA, M.; LUÍZA ÁVILA, A.; BOLOGNA SOARES DE ANDRADE, M.; BATTISTETTI FESTOZO, M. 2022, p. 339)

Torres (2018) afirma que para que o interesse no assunto aconteça de modo eficaz, é importante que práticas pedagógicas sejam pensadas à luz destes conceitos. É preciso que estas provoquem sentimentos genuínos de pertencimento, desejo de preservação e amor pela natureza, e este efeito pode ser endossado por um ensino bem ilustrado, amparado por manifestações artísticas engajadas na causa.

O trabalho de Emerson Munduruku (Uýra) se revela como terra fértil para este exercício, apresentando um repertório exuberante e completo de formas artísticas que têm em comum composições de protesto que denunciam a modificação do espaço natural e referências ao folclore, reafirmando a identidade brasileira na arte e pela voz dos povos nativos, que estão sofrendo de perto, a tempos, os ataques ao meio ambiente.

A personagem Úrya se define, em uma de suas muitas faces, como a árvore que anda. Emerson assume a aparência de planta, ornamentado por elementos retirados diretamente da natureza, como folhas, galhos, sementes e terra. A paleta de cores da maquiagem e o material das roupas são pedaços deiscentes da própria floresta ao redor. A essência da personagem entrega a ideia de que somos parte da natureza que estamos devastando, e que também sofreremos diretamente os impactos das ações depredadoras sobre ela.

O acervo protagonizado pela personagem sugere moldes proveitosos para práticas de educação ambiental em sala de aula. A atmosfera teatral e expressiva do artista pode inspirar o desenvolvimento de metodologias alternativas às tradicionais que incorporem a interpretação dos alunos se colocando como partes intrínsecas do meio ambiente. Por exemplo, seria interessante que após a apresentação e discussão de alguma performance artística de Uýra, os

alunos sejam orientados a um exercício de avaliação a partir da elaboração de uma peça teatral, onde estes atuem como elementos da natureza, sofrendo as consequências dos impactos ambientais. Este tipo de dinâmica, devidamente mediada pelo professor, pode contribuir para o estímulo do sentimento de pertencimento e necessidade de preservação do que é espaço natural.

Figura 14. Uyra posa ao lado de crianças em atividade artística a partir de pinturas e construções com elementos naturais.



Fonte: Ricardo Oliveira AFP (2018).

Encontra-se este tipo de inspiração também, facilmente, nas pinturas faciais realizadas pelo artista (Figura 14), que podem ser transpostas para a sala de aula, em um exercício onde o aluno se vê como protagonista da atividade e se reconhece no conteúdo, aproveitando seus conhecimentos prévios e mobilizando conceitos importantes, além de manusear e atribuir funções e valores diretamente a materiais naturais ao compor a arte final, como faz Emerson.

Na performance “Ponto final, ponto seguido” (Figuras 15, 16 e 17), Uýra desenha uma figura com terra, enquanto músicas de protesto em relação à forma autoritária como a cultura colonial trata a divisão dela tocam ao fundo. “Minha recente pesquisa chama *Ressurgências*, um conjunto de obras em instalação, performance e fotoperformance que retrata como a vida retorna aos lugares, de onde é expulsa. Dessa pesquisa nasceu a instalação *Malhadeira* – que conta as águas, a série *Retomada* – que conta as plantas –, e também *Ponto Final, Ponto Seguido*, que conta, em um sistema radicular desenhado com terra preta no chão, o ressuscitamento da Terra, que dorme debaixo dos cimentos, e precisa respirar. A performance é isso: um respiro da Terra, e de nossa gente.” (Emerson Munduruku, 2022). Esta performance também pode funcionar como um modelo para uma prática engajada que trate de questões como, por exemplo, reforma agrária, direitos dos povos indígenas, invasão de seus territórios e genocídio destes.

Figura 15. Performance “Ponto Final, Ponto Seguido” no SESC Vila Mariana, SP, 2022.



Fonte: Do Autor (2022).

Figura 16. Performance “Ponto Final, Ponto Seguido” no SESC Vila Mariana, SP, 2022.



Fonte: Do Autor (2022).

Figura 17. Performance “Ponto Final, Ponto Seguido” no SESC Vila Mariana, SP, 2022.



Fonte: Do Autor (2022).

Uýra também oferece inspiração para atividades com a fotografia em seu formato mais completo, envolvendo desde a montagem de cenários ao figurino e maquiagem dos protagonistas. O artista, em questão, se coloca como um dos elementos de sua série “Retomada”, onde fotos retratam a personagem da “Árvore que anda” despontando nos cantos de lugares antes repletos de natureza e agora totalmente dominados pelo concreto e poluição, como centros de cidades e igarapés contaminados pelo descarte do lixo.

Propor em sala de aula que os alunos se imaginem como seres defensores do meio ambiente degradado, ou até mesmo elementos da própria natureza, como árvores, outras plantas, animais e rios, e se transfiguram como tal, montando em equipe seus próprios cenários e produzindo imagens de protesto através da fotografia deste trabalho, pode ser uma prática extremamente proveitosa e gerar resultados interessantes. Alguns professores no Norte do Brasil já realizaram este tipo de atividade, e foi noticiado nas redes sociais de Uýra Sodoma.

A construção de maquetes e esculturas também dialoga amplamente com o trabalho aqui estudado. Ao escolher e perceber os materiais que serão utilizados nesta atividade, os alunos interagem profundamente com os próprios conhecimentos prévios e concepções que carregam sobre o tema, mobilizando seus conhecimentos, articulando-os com o que é aprendido e exercitando sua criatividade. Aqui, neste contexto, é interessante que o professor sugira a utilização de materiais naturais, a exemplo do que faz Emerson na manipulação de seu material de trabalho.

Para Medina (2002), a educação ambiental crítica é um dos instrumentos capazes de consolidar os novos modelos de movimentos sustentáveis, visando a melhoria da qualidade de vida através de um processo participativo no qual o indivíduo e a comunidade constroem novos valores sociais e éticos, adquirem conhecimentos, atitudes, competências e habilidades, voltadas para o cumprimento do direito a um ambiente ecologicamente equilibrado, em prol do bem comum das gerações presentes e futuras. De acordo com Almeida (2009), a educação ambiental crítica, ao considerar relações sociais, tem sido afetada diretamente pelo enfraquecimento de políticas ambientais e educacionais, em um contexto onde ações depredadoras do meio ambiente têm crescido progressivamente e suas consequências negligenciadas pelas entidades responsáveis por esta fiscalização.

Em um momento em que presenciamos grandes eventos que comprometem espaços naturais e emergem de uma pandemia que pode ter se iniciado justamente em virtude de atitudes exploratórias e destruição de ecossistemas, a importância do desenvolvimento de práticas à luz desta corrente de educação ambiental crítica torna-se ainda mais evidente.

É essencial que sejam formados cidadãos capazes de refletir sobre estes acontecimentos e todas as suas causas, levando em conta os contextos político, social e cultural. A articulação de todos estes quadros permite um leque de possibilidades dinâmicas e criativas de estratégias aplicadas na sala de aula. A ilustração eficiente delas se faz fundamental no exercício de provocar sentimentos genuínos quanto ao que está acontecendo, para além da natural comoção com as fotos, que já circulam amplamente na mídia, retratando episódios trágicos decorrentes da imprudência humana, como as queimadas da Amazônia, o rompimento das barragens de Mariana e Brumadinho e as consequências de zoonoses emergentes, a exemplo da própria pandemia recente do vírus Sars-Cov 19.

A Arte de Emerson Munduruku inspira práticas que sensibilizam, através de seu amplo repertório de expressões. As composições de protesto e denúncia da modificação do natural e referências claras ao folclore, ainda difundem a voz dos povos indígenas, que a algum tempo reivindicam este espaço.

As aulas planejadas utilizando-se destes múltiplos recursos devem explorar a articulação entre conhecimentos de todas as áreas de aprendizagem, sendo pensadas de forma interdisciplinar, considerando os possíveis diálogos entre elementos da biologia, história, arte, etc. A questão do meio ambiente, por exemplo, pode perfeitamente protagonizar uma prática realizada a partir de uma produção artística indígena (como o trabalho de Emerson), suscitando discussões sobre a valorização dos povos nativos, debatendo processos históricos e seus impactos tanto sociais quanto políticos e ambientais.

É importante que as temáticas da luta pelos territórios indígenas protagonizadas por estes povos e a valorização de suas culturas sejam trabalhadas em práticas interdisciplinares, considerando todos os seus elementos, e aproveitando de recursos que fomentem a ludicidade das práticas. Num contexto de depredação de terras demarcadas destinadas a estes povos e também de ecossistemas naturais em locais até então preservados em nossos principais biomas, torna-se essencial a incorporação de atividades em sala de aula que estimulem o debate sobre isso, se atentando também a apresentação e ênfase do valor das manifestações artísticas e culturais destes povos, e a difusão de informações históricas e políticas que estão intimamente ligadas a isto. É imprescindível que se invista no despertar do pensamento crítico acerca destas relações, com o objetivo de romper com ideias colonizadoras, advindas da estruturação social que tivemos no Brasil.

A abordagem insuficiente da história e cultura indígena nas escolas é percebida como um obstáculo para uma formação crítica e humanizada dos cidadãos. O foco limitado, muitas vezes restrito ao Dia do Índio, não é crítico, contextualizado ou profundo, perpetuando estereótipos prejudiciais. As práticas escolares tradicionais, incluindo representações estereotipadas nas atividades diárias, contribuem para preconceitos e impedem a valorização da rica relação entre os povos indígenas e a natureza. A abordagem em livros didáticos frequentemente se baseia em visões folclóricas ou retratos do passado, ignorando a diversidade cultural dos mais de duzentos povos indígenas no Brasil. Superar esses estereótipos e promover um entendimento mais amplo é crucial para evitar preconceitos e violência. A necessidade de diálogos contextualizados na escola é enfatizada como uma maneira de desconstruir percepções infundadas e promover uma visão mais humana e crítica, visando à educação para a cidadania. É destacada a importância de desconstruir visões deturpadas, especialmente entre os professores, para que possam reformular suas práticas e contribuir para o desenvolvimento de uma perspectiva crítica e humanizada nos educandos. (GONÇALVES; SOUZA; NASCIMENTO JUNIOR, 2015, p. 575-581).

Este exercício de retomar a voz dos povos nativos pode se dar através da utilização de sua produção artística e cultural como recurso pedagógico, introduzindo esta problemática em sala de aula, e estimulando debates importantes, como o genocídio dos indígenas e a desapropriação de suas terras que muitas vezes ocorrem sem que seja ao menos anunciado pela mídia, e exatamente por esta razão seguem impunes e recorrentes. “Nós, populações indígenas, quilombolas e ribeirinhas, estamos a mais de quinhentos anos nestes lugares os protegendo. Quando sua vida, seu alimento, seu rio, e sua terra são ameaçadas, a vida da floresta também é ameaçada. Não é à toa que é um dos países que mais mata ativistas ambientais. Com isso que vivemos, estamos lutando pelo óbvio. Chega de transformar violência em paisagem. E ninguém vai dizer que o que a gente vê e sente é mentira. Porque o governo desmente as queimadas, e diz que nossa realidade na Amazônia é uma mentira. A gente sente no ar, nos olhos e na carne que o fogo sobre a floresta não está contando mentiras. Tudo isso é muito forte como o povo que aqui resiste e está em múltiplos campos de atuação se mobilizando pela vida de seus povos.” (Emerson Munduruku, 2022).

Práticas engajadas nessas temáticas trazem como resultado o despertar não só do pensamento crítico, contribuindo para a formação empática e cidadã, mas também da consciência da responsabilidade que temos para com a natureza, concebendo como dever de todos lutar pela preservação desta, e agir com cuidado e proteção. Para que esta sensação seja difundida, é imprescindível que o professor tenha atitude mediadora, possibilitando ao aluno o sentimento de pertencimento em relação ao meio ambiente, afinal, este não deve ser visto apenas como os espaços naturais em si, e sim considerando todos os elementos que o compõem, como no caso, nós seres humanos.

A personagem de Uýra é uma representação didática desta concepção, já que entrega a ideia de que somos parte do que é natural, e, conseqüentemente, do que estamos devastando. Se entendemos que ao ferir ecossistemas, ferimos a nós mesmos, é provável que o desejo de transformação se intensifique e, de fato, gere ações transformadoras.

Ao se colocar na posição de um elemento do espaço natural, que também sofre com as ações antrópicas negativas, como na série “Retomada”, onde espaços urbanos são ironicamente invadidos pela natureza que resiste, Uyra promove perfeitamente o combate ao pensamento comum de que fazemos parte de um processo evolutivo linear, que culmina em uma pirâmide hierárquica de importância entre os seres vivos, onde o homem está no topo. Este concebe a si mesmo como algo separado do restante do meio ambiente, um agente dominador e detentor de seus recursos, indiscriminadamente.

Ao trabalhar na escola estas temáticas articuladas a todas as ludicidades que representam o trabalho de Emerson Munduruku, possivelmente conseguimos nos aproximar um pouco mais da apropriação desta ideia, que está amplamente alinhada aos pressupostos da educação ambiental crítica, e intrínseca na luta e na mensagem do artista aqui tratado.

A educação ambiental crítica pode se valer amplamente destes recursos, cumprindo com êxito, desta forma, sua missão de estudar aspectos do meio ambiente considerando questões sociais, históricas e culturais, fomentando e prospectando mudanças de paradigma e ações transformadoras, finalmente. É imprescindível que esta temática seja melhor desmembrada e analisada em todas as suas possibilidades, através de um trabalho em conjunto de profissionais da área da educação, contribuindo para um ensino aprendizagem, principalmente de educação ambiental, crítico, engajado e empático.

## **6. Considerações finais**

Em um contexto em que o ser humano se vê cada vez mais diretamente ligado a sua própria depredação, quando este depreda a natureza, e onde a educação se demonstra um dos principais recursos para a mudança de paradigma em uma sociedade, é essencial que nos esforcemos e lutemos para fomentar esta mudança, contribuindo, impreterivelmente, para a formação crítica, reflexiva e cidadã nas escolas.

É importante que nós, profissionais da educação, nos atentemos para possibilitar e mediar um processo de problematização da realidade, combatendo o alienamento, e onde o próprio aluno tenha consciência e autonomia sobre seus direitos e deveres, além de conseguir se enxergar como parte integrante e ativa do meio ambiente, que não se limita apenas à espaços naturais.

Para que isso seja possível, é importante que o professor se utilize de estratégias que não se atenha apenas aos modelos tradicionais, e invista em práticas criativas e dinâmicas, aproveitando o conhecimento prévio dos alunos, colocando-nos como protagonistas do exercício pedagógico, considerando questões culturais, políticas, históricas e sociais, independente da disciplina, e estimulando o pensamento crítico e reflexivo acerca de contextos que envolvem os conteúdos formais.

A arte de Emerson Munduruku, e principalmente todo o conceito da personagem Uýra, oferece inspiração para elaboração de várias práticas em sala de aula ricas neste exercício interdisciplinar e engajado, refletindo várias lutas, incorporando diversos temas importantes e urgentes de serem debatidos, e, principalmente, colocando o espectador ou aluno como parte dos problemas ambientais, mas também como possibilidade de solução. A partir da discussão

realizada neste trabalho acerca das potencialidades da utilização de Uýra como uma proposta em Educação Ambiental Crítica, se torna evidente a relevância da incorporação, tanto da arte em geral quanto das questões indígenas, ao processo de Educação Ambiental.

Neste sentido, é interessante que outros artistas indígenas contemporâneos sejam objeto de estudo para pesquisadores da área da educação, abrindo-se assim, caminhos para discussão mais profunda sobre estes povos e sua relevância histórica, e, principalmente, dando voz aos seus maiores problemas atuais, que nem sempre protagonizam as telas de TV, e são cada dia mais negligenciados. O genocídio desses povos, eliminação de suas culturas e invasão de suas terras podem ser trazidos em sala de aula facilmente a partir da articulação destes com o conteúdo de qualquer que seja a disciplina, utilizando-se das diversas manifestações artísticas existentes neste sentido, com composições de protesto.

Como sugestão de artistas que representam trabalhos proveitosos para análise dentro do contexto da educação ambiental crítica, indico alguns que estão fazendo contribuições significativas para o mundo da arte e para a representatividade destes povos. Entre eles estão Jaider Esbell, que explora a relação entre culturas indígenas e o mundo contemporâneo através de suas pinturas, esculturas e performances; Denilson Baniwa, que cria tecidos intrincados e coloridos que refletem sua herança cultural; Arissana Pataxó, que usa a pintura e a ilustração para conscientizar sobre questões e tradições indígenas; e Jaqueline Tupinambá, que cria obras multimídia que exploram temas de identidade e resistência.

Esses artistas, entre outros, fazem parte de um movimento vibrante e diverso, que está reformulando a cena da arte contemporânea no Brasil e ao redor do mundo. É imprescindível que esta temática seja melhor desmembrada e discutida, tanto em pesquisas, quanto nas escolas, fomentando a tão almejada formação crítica, cidadã e empática, e prospectando, desta forma, ações transformadoras da realidade ambiental problemática atual. Para isto, é preciso que exista um esforço coletivo de profissionais da educação, tanto na produção de material científico e didático, quanto no repensar das práticas pedagógicas.

Quanto mais soubermos da cultura e costumes de um povo, mais se gera a necessidade de respeitar e preservar" Ramos, Gean. 1985-2020. Gean Ramos. Músico e produtor cultural. Belém, Pará.

## 7. REFERÊNCIAS

AIKENHEAD, G. S. **Educação em Ciências para a Vida Cotidiana: Prática Baseada em Evidências**. Editora Artmed, 2006.

ALMEIDA, F. S. S.; SANTOS, L. V. **Educação ambiental crítica e escolas indígenas: perspectivas do ensino de Ciências na Amazônia**. *Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas*, v. 5, n. 9, p. 3-17, dez. 2009. ISSN 1983-982X. Disponível em: <https://seer.furg.br/ambeduc/article/view/1136>. Acesso em: 17 abr. 2023.

BIENAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO. Disponível em: <https://bienal.org.br/>. Acesso em: 17 abr. 2023.

BRASIL DE FATO. **O que é colapso catastrófico e o que pode ocorrer em Maceió por conta da mineração da Braskem**. 02 dez. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/12/02/o-que-e-colapso-catastrofico-e-o-que-pode-ocorrer-em-maceio-por-conta-da-mineracao-da-braskem>. Acesso em: 10/12/2023.

CAJETE, G. **Olhar para a Montanha: Uma Ecologia da Educação Indígena**. Editora Penso, 1994.

CAMARGO, J.; ROCHA, M. **A importância da educação ambiental no ensino fundamental: um estudo de caso**. In: VII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7., 2013, São Paulo. Anais eletrônicos... São Paulo: ENPEC, 2013. ISBN 978-85-87909-63-3. Disponível em: <https://www.eventoanap.org.br/data/inscricoes/5631/form2727191482.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2023.

CARDOSO, Pollyana Cristina Alves et al. **Dois heróis e uma canção de amor: A presença indígena em uma prática na formação de professores**. In: *Educação Contemporânea – Volume 06 – Formação Docente, Tecnologia*. 2020.

COSTA, E. R. **Saberes ecológicos tradicionais dos Pankararu: potencialidades e limites para a educação ambiental**. 214 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/24793>. Acesso em: 17 abr. 2023.

DASARTES. **"Uýra Sodoma: O indígena LGBTQIA+ | Perfil"**. 2022. Disponível em: <https://dasartes.com.br/materias/uyra-sodoma/>. Acesso em: 12/12/2023.

ECO.A. **Com mostra de arte indígena, Gean Pankararu amplifica cultura ancestral**. UOL, 24 fev. 2022. Disponível em: [https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/02/24/com-mostra-de-arte-indigena-gean-pankararu-amplifica-cultura-ancestral.htm?fbclid=IwAR0aShT\\_vg2z3lwFZ-2XlggCvCn3o-Mn69HuStV\\_NyHUr--JAJZVqEVESY8&cmpid=copiaecola](https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/02/24/com-mostra-de-arte-indigena-gean-pankararu-amplifica-cultura-ancestral.htm?fbclid=IwAR0aShT_vg2z3lwFZ-2XlggCvCn3o-Mn69HuStV_NyHUr--JAJZVqEVESY8&cmpid=copiaecola). Acesso em: 17 abr. 2023.

GONÇALVES, Laise Vieira; SOUZA, Michele Júlia; NASCIMENTO JUNIOR, Antônio Fernandes. O filme 'Brava Gente Brasileira' como problematizador da cultura indígena na formação de professores de Ciências e Biologia: uma prática do PIBID de Biologia. Revista Práxis (Online), v. 1, p. 575-581, 2015.

GRUENEWALD, D. A. **O Melhor dos Dois Mundos: Uma Pedagogia Crítica do Lugar.** Educação & Pesquisa, 29(3), 301-317, 2003.

INSTITUTO CULTURAL VALE. **Arte Indígena Contemporânea - Ep. 3: Uýra Sodoma.** Youtube, 03. mai. 2022. 29:41 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7Tbfit2Ftyo&t=16s>> Acesso em: 20/09/2023.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. MANAUS, CIDADE NA ALDEIA. **Programa Convida: Uýra Sodoma.** Youtube, 14.Dez.2015. 06:13 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GxHTnxu4Oi0>> Acesso em: 20/09/2023.

LOUREIRO, Carlos F. **Trajetórias e Fundamentos da Educação Ambiental.** São Paulo: Cortez, 2004.

MEYER, Mônica Angela de Azevedo. **Educação Ambiental: Uma proposta Pedagógica,** 2008.

MIDIA NINJA. **Uyra Sodoma, uma Drag Queen Indígena em Defesa da Amazônia.** Youtube, 14. jun. 2020. 04:24 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3AnIteg88-Y>> Acesso em: 20/09/2023.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde.** Hucitec, 1998.

MORETI DE SOUZA ROSA, M.; LUÍZA ÁVILA, A.; BOLOGNA SOARES DE ANDRADE, M.; BATTISTETTI FESTOZO, M. **A Ilha das Flores de Jorge Furtado: uma proposta para Educação Ambiental Crítica a partir das Visões de Natureza.** Revista Insignare Scientia - RIS, v. 5, n. 3, p. 329-349, 13 ago. 2022.

ORR, D. W. **Terra em Mente: Sobre Educação, Meio Ambiente e o Futuro Humano.** Cultrix, 1994.

ORR, D. W. **Educação Ambiental: Um Novo Começo.** Revista de Educação Ambiental, 13(1), 11-20, 2004.

PEIXOTO, Rodrigo Correa; ARENZ, Karl; FIGUEIREDO, Kércia. **O Movimento Indígena no Baixo Tapajós: etnogênese, território, Estado e conflito.** Novos Cadernos NAEA, [S.I.] v. 15, n. 2, mar. 2013. ISSN 2179-7536. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/719>. Acesso em: 12/02/2023.

TORRES, M. C. A. **Educação Ambiental Crítica e a Arte Indígena Contemporânea na Formação de Professores.** Revista Espaço Pedagógico, 25(1), 169-186, 2018. REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL da UFSC. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/93568> Acesso em: 17 de abril de 2023.

SIMÃO, M. P. (2023). **Gênero e sexualidade na escola: uma análise de filmes como recurso pedagógico**. Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Laranjeiras do Sul. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/6722>. Acesso em: 10/12/2023.

VILAÇA, A. **Corpos Crônicamente Instáveis: Reflexões sobre Corporalidades Amazônicas**. Mana, 11(2), 477-507, 2005.